# Domingo de Ramos (B)

**Evangelho (*Mc* 14,1-15,47):** Faltavam dois dias para a Páscoa e a festa dos Pães sem fermento. Os sumos sacerdotes e os escribas procuravam um modo de prender Jesus e matá-lo à traição, pois diziam: «Não na festa, para que não haja tumulto entre o povo».

Quando Jesus estava sentado à mesa, em Betânia, em casa de Simão, o leproso, veio uma mulher com um frasco de alabastro cheio de perfume de nardo puro, muito caro. Ela o quebrou e derramou o conteúdo na cabeça de Jesus. Alguns que lá estavam ficaram irritados e comentavam: «Para que este desperdício de perfume? Este perfume poderia ter sido vendido por trezentos denários para dar aos pobres». E se puseram a censurá-la. Jesus, porém, lhes disse: «Deixai a em paz! Por que a incomodais? Ela praticou uma boa ação para comigo. Os pobres sempre tendes convosco e podeis fazer-lhes o bem quando quiserdes. Mas a mim não tereis sempre. Ela fez o que estava a seu alcance. Com antecedência, ela embalsamou o meu corpo para a sepultura. Em verdade vos digo: onde for anunciado o Evangelho, no mundo inteiro, será mencionado também, em sua memória, o que ela fez».

Judas Iscariotes, um dos Doze, foi procurar os sumos sacerdotes para lhes entregar Jesus. Ouvindo isso, eles ficaram contentes e prometeram dar-lhe dinheiro. Judas, então, procurava uma oportunidade para entregá-lo.

No primeiro dia dos Pães sem fermento, quando se sacrificava o cordeiro pascal, os discípulos perguntaram a Jesus: «Onde queres que façamos os preparativos para comeres a páscoa?». Jesus enviou então dois dos seus discípulos, dizendo-lhes: «Ide à cidade. Um homem carregando uma bilha de água virá ao vosso encontro. Segui-o e dizei ao dono da casa em que ele entrar: 'O Mestre manda perguntar: Onde está a sala em que posso comer a ceia pascal com os meus discípulos? ' Ele, então, vos mostrará, no andar de cima, uma grande sala, arrumada. Lá fareis os preparativos para nós!». Os discípulos saíram e foram à cidade. Encontraram tudo como ele tinha dito e prepararam a ceia pascal.

Ao anoitecer, Jesus foi para lá com os Doze. Enquanto estavam à mesa comendo, Jesus disse: «Em verdade vos digo, um de vós vai me entregar, aquele que come comigo». Eles ficaram tristes e, um após o outro, começaram a perguntar: «Acaso, serei eu?». Jesus lhes disse:«É um dos doze, aquele que se serve comigo do prato». O Filho do Homem se vai, conforme está escrito a seu respeito. Ai, porém, daquele por quem o Filho do Homem é entregue. Melhor seria que tal homem nunca tivesse nascido!».

Enquanto estavam comendo, Jesus tomou o pão, pronunciou a bênção, partiu-o e lhes deu, dizendo: «Tomai, isto é o meu corpo». Depois, pegou o cálice, deu graças, passou-o a eles, e todos beberam. E disse-lhes: «Este é o meu sangue da nova Aliança, que é derramado por muitos. Em verdade, não beberei mais do fruto da videira até o dia em que beberei o vinho novo no Reino de Deus». Depois de cantarem o salmo, saíram para o Monte das Oliveiras

Jesus disse aos discípulos: «Todos vós caireis, pois está escrito: Ferirei o pastor, e as ovelhas se dispersarão». Mas, depois que eu ressuscitar, irei à vossa frente para a Galileia». Pedro, então, disse: «Mesmo que todos venham a cair, eu não». Respondeu-lhe Jesus: «Em verdade te digo, hoje mesmo, esta noite, antes que o galo cante duas vezes, três vezes me negarás». Pedro voltou a insistir: «Ainda que eu tenha de morrer contigo, não te negarei». E todos diziam a mesma coisa.

Chegaram a uma propriedade chamada Getsêmani. Jesus disse aos discípulos: «Sentai-vos aqui, enquanto eu vou orar». Levou consigo Pedro, Tiago e João, e começou a sentir pavor e angústia. Jesus, então, lhes disse: «Sinto uma tristeza mortal! Ficai aqui e vigiai!». Jesus foi um pouco mais adiante, caiu por terra e orava para que aquela hora, se fosse possível, passasse dele. Ele dizia: «Abbá! Pai! tudo é possível para ti. Afasta de mim este cálice! Mas seja feito não o que eu quero, porém o que tu queres». Quando voltou, encontrou os discípulos dormindo. Então disse a Pedro: «Simão, estás dormindo? Não foste capaz de ficar vigiando uma só hora? Vigiai e orai, para não cairdes em tentação! O espírito está pronto, mas a carne é fraca». Jesus afastou-se outra vez e orou, repetindo as mesmas palavras. Voltou novamente e encontrou-os dormindo,

pois seus olhos estavam pesados de sono. E eles não sabiam o que responder. Ao voltar pela terceira vez, ele lhes disse: «Ainda dormis e descansais? Basta! Chegou a hora! Vede, o Filho do Homem está sendo entregue às mãos dos pecadores. Levantai-vos! Vamos! Aquele que vai me entregar está chegando».

Jesus ainda falava, quando chegou Judas, um dos Doze, acompanhado de uma multidão com espadas e paus; eles vinham da parte dos sumos sacerdotes, escribas e anciãos. O traidor tinha combinado com eles um sinal: "É aquele que eu vou beijar. Prendei-o e levai-o com cautela!». Chegando, Judas logo se aproximou e disse: «Rabi!» E beijou-o. Então, eles lançaram as mãos em Jesus e o prenderam. Um dos presentes puxou a espada e feriu o servo do sumo sacerdote, cortando-lhe a ponta da orelha. Tomando a palavra, Jesus disse: «Viestes com espadas e paus para me prender, como se eu fosse um bandido? Todos os dias eu estava convosco, no templo, ensinando, e não me prendestes. Mas, isto acontece para que se cumpram as Escrituras"». Então, abandonando-o, todos os discípulos fugiram. Um jovem o seguia coberto só de um lençol. Eles o pegaram, mas ele largou o lençol e fugiu nu.

Levaram Jesus ao sumo sacerdote, e reuniram-se todos os sumos sacerdotes, os anciãos e os escribas. Pedro tinha seguido Jesus de longe até dentro do pátio do sumo sacerdote. Sentado com os guardas, aquecia-se perto do fogo. Os sumos sacerdotes e o sinédrio inteiro procuravam um testemunho contra Jesus para condená-lo à morte, mas não encontravam. Muitos testemunhavam contra ele falsamente, mas os depoimentos não concordavam entre si. Alguns se levantaram e falsamente testemunharam contra ele: «Nós o ouvimos dizer: 'Vou destruir este santuário feito por mão humana, e em três dias construirei um outro, não feito por mão humana'!».Mas nem assim concordavam os depoimentos deles. O sumo sacerdote se levantou no meio deles e perguntou a Jesus: «Nada tens a responder ao que estes testemunham contra ti?». Jesus continuou calado e nada respondeu. O sumo sacerdote perguntou de novo: «És tu o Cristo, o Filho de Deus Bendito?». Jesus respondeu: «Eu sou. E vereis o Filho do Homem sentado à direita do Todo-Poderoso, vindo com as nuvens do céu». O sumo sacerdote rasgou suas vestes e disse: «Que necessidade temos ainda de testemunhas? Ouvistes a blasfêmia! Que vos parece?». Então, todos o sentenciaram réu de morte. Alguns começaram a cuspir nele. Cobrindo-lhe o

rosto, batiam nele e diziam: «Profetiza!» Os guardas, também, o receberam a tapas.

Pedro estava no pátio, em baixo. Veio uma criada do sumo sacerdote e, quando viu Pedro que se aquecia, olhou bem para ele e disse: «Tu também estavas com Jesus, esse nazareno!». Mas, Pedro negou dizendo: «Não sei nem entendo de que estás falando!». Ele saiu e foi para a entrada do pátio. E o galo cantou. A criada, vendo Pedro, começou outra vez a dizer, aos que estavam por perto: «Este é um deles». Mas Pedro negou outra vez. Pouco depois os que lá estavam diziam a Pedro:«É claro que és um deles, pois tu és Galileu». Ele começou então a praguejar e a jurar: «Nem conheço esse homem de quem estais falando!». E nesse instante, pela segunda vez, o galo cantou. Pedro se lembrou da palavra que Jesus lhe tinha dito: «Antes que o galo cante duas vezes, três vezes me negarás». E começou a chorar.

Logo de manhã, os sumos sacerdotes, com os anciãos, os escribas e o sinédrio inteiro, reuniram-se para deliberar. Depois, amarraram Jesus, levaram-no e o entregaram a Pilatos. Pilatos interrogou-o: «Tu és o Rei dos Judeus?» Jesus respondeu: «Tu o dizes». Os sumos sacerdotes faziam muitas acusações contra ele. Pilatos perguntou de novo: «Não respondes nada? Olha de quanta coisa te acusam!». Jesus, porém, não respondeu nada, de modo que Pilatos ficou admirado.

Por ocasião da festa, Pilatos costumava soltar um preso que eles mesmos pedissem. Havia ali o chamado Barrabás, preso com amotinados que, numa rebelião, cometeram um homicídio. A multidão chegou e pediu que Pilatos fizesse como de costume. Pilatos respondeu-lhes: «Quereis que eu vos solte o Rei dos Judeus?». Ele sabia que os sumos sacerdotes o tinham entregue por inveja. Os sumos sacerdotes instigaram a multidão para que, de preferência, lhes soltasse Barrabás. Pilatos tornou a perguntar: «Que quereis que eu faça, então, com o Rei dos Judeus?». Eles gritaram: «Crucifica-o!». Pilatos lhes disse: «Que mal fez ele?». Eles, porém, gritaram com mais força: «Crucifica-o». Pilatos, querendo satisfazer a multidão, soltou Barrabás, mandou açoitar Jesus e entregou-o para ser crucificado.

Os soldados levaram Jesus para dentro do pátio do pretório e chamaram todo o batalhão.

Vestiram Jesus com um manto de púrpura e puseram nele uma coroa trançada de espinhos. E começaram a saudá-lo: «Salve, rei dos judeus!». Batiam na sua cabeça com uma vara, cuspiam nele e, dobrando os joelhos, se prostravam diante dele. Depois de zombarem dele, tiraram-lhe o manto de púrpura e o vestiram com suas próprias roupas. Então o levaram para crucificá-lo.

Os soldados obrigaram alguém que lá passava voltando do campo, Simão de Cirene, pai de Alexandre e de Rufo, a carregar a cruz. Levaram Jesus para o lugar chamado Gólgota (que quer dizer Calvário). Deram-lhe vinho misturado com mirra, mas ele não tomou. Eles o crucificaram e repartiram as suas vestes, tirando sorte sobre elas, para ver que parte caberia a cada um. Eram nove horas da manhã quando o crucificaram.

O letreiro com o motivo da condenação dizia: «O Rei dos Judeus!». Com ele crucificaram dois ladrões, um à direita e outro à esquerda. Os que passavam por ali o insultavam, balançando a cabeça e dizendo: «Ah! Tu que destróis o templo e o reconstróis em três dias, salva-te a ti mesmo, descendo da cruz». Do mesmo modo, também os sumos sacerdotes zombavam dele entre si e, com os escribas, diziam: «A outros salvou, a si mesmo não pode salvar. O Messias, o rei de Israel desça agora da cruz, para que vejamos e acreditemos!». Os que foram crucificados com ele também o insultavam.

Quando chegou o meio-dia, uma escuridão cobriu toda a terra até às três horas da tarde. Às três da tarde, Jesus gritou com voz forte: «Eloí, Eloí, lemá sabactâni? — que quer dizer «Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?». Alguns dos que estavam ali perto, ouvindo-o, disseram: «Vede, ele está chamando por Elias!». Alguém correu e ensopou uma esponja com vinagre, colocou-a na ponta de uma vara e lhe deu de beber, dizendo: “Deixai! Vejamos se Elias vem tirá-lo da cruz. Então Jesus deu um forte grito e expirou.

Nesse mesmo instante, o véu do Santuário rasgou-se de alto a baixo, em duas partes. Quando o centurião, que estava em frente dele, viu que Jesus assim tinha expirado, disse: «Na verdade, este homem era Filho de Deus». Estavam ali também algumas mulheres olhando de longe; entre elas Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago Menor e de Joset, e Salomé. Quando ele estava na Galileia,

estas o seguiam e lhe prestavam serviços. Estavam ali também muitas outras mulheres que com ele tinham subido a Jerusalém.

Já caíra a tarde. Era o dia de preparação (isto é, a véspera do sábado). Por isso, José de Arimateia, membro respeitável do sinédrio, que também esperava o Reino de Deus, cheio de coragem foi a Pilatos pedir o corpo de Jesus. Pilatos ficou admirado quando soube que Jesus estava morto. Chamou o centurião e perguntou se tinha morrido havia muito tempo. Informado pelo centurião, Pilatos entregou o corpo a José. José comprou um lençol de linho, desceu Jesus da cruz, envolveu-o no lençol e colocou-o num túmulo escavado na rocha; depois, rolou uma pedra na entrada do túmulo. Maria Madalena e Maria, mãe de José, observavam onde ele era colocado.

## *«Na verdade, este homem era Filho de Deus»*

Rev. D. Fidel CATALÁN i Catalán
*(Terrassa, Barcelona, Espanha)*

Hoje, na Liturgia da Palavra lemos a Paixão do Senhor segundo São Marcos e escutamos um testemunho que nos deixa impressionados: «Na verdade, este homem era Filho de Deus!» (Mc 15,39). O evangelista tem muito cuidado em colocar estas palavras nos lábios de um centurião romano, que tinha assistido atónito a mais uma execução entre tantas que deveria presenciar devido à sua permanência num país estrangeiro e ocupado.

Não deve ser fácil perguntar-se o que viu naquele rosto - tão desfigurado - para proferir semelhante declaração. De qualquer modo deve ter descoberto um rosto inocente; alguém abandonado e talvez atraiçoado, à mercê de interesses particulares; ou talvez alguém que era objecto de uma injustiça no meio de uma sociedade não muito justa; alguém que cala, suporta e até aceita misteriosamente tudo o que lhe está a cair em cima. Talvez até se tenha sentido colaborar numa injustiça diante da qual não move nem um dedo para a impedir, como tantos que lavam as mãos diante dos problemas dos outros.

A imagem daquele centurião romano é a imagem da Humanidade que contempla. É, ao mesmo tempo, a profissão de fé de um pagão. Jesus morre só, inocente, ferido, abandonado e ao mesmo tempo confiante, com um profundo sentido da sua missão, com os "restos de amor" que os golpes deixaram no seu corpo.

Mas, antes - na sua entrada em Jerusalém – tinham-no aclamado como Aquele que vem em nome do Senhor (cf. Mc 11,9). Agora a nossa aclamação não é de expectativa, entusiasmada e desconhecedora, como a daqueles habitantes de Jerusalém. A nossa aclamação dirige-se Àquele que já passou pela entrega total e que saiu vitorioso. Finalmente, «deveríamos prostrar-nos aos pés de Cristo, não pondo

sob os seus pés as nossas túnicas ou ramos inertes, que muito rapidamente perderiam o seu vigor, o seu fruto e o seu aspecto agradável, mas antes revestindo-nos da sua graça» (Santo André de Creta).

## *Pensamentos para o Evangelho de hoje*

- «O Meu Filho unigénito, enamorado pela minha Vontade, quis ser verdadeira e totalmente obediente e entregou-se, com toda a prontidão, à morte vergonhosa da cruz e, por esta morte santíssima, deu-vos a vida, não pela força da sua natureza humana, mas pelo poder da sua divindade» (Santa Catarina de Siena)

- «O poder de Deus neste mundo é um poder silencioso. A causa de Deus parece estar sempre em agonia. A Sua glória revelou-se uma aparência. Mas a glória de Cristo, a glória humilde e voluntariosa do sofrimento, a glória do seu amor, não desapareceu e não desaparecerá» (Bento XVI)

- «A entrada de Jesus em Jerusalém manifesta a vinda do Reino que o Rei-Messias vai realizar pela Páscoa da sua morte e da sua ressurreição. É com a sua celebração, no Domingo de Ramos, que a Liturgia da Igreja começa a Semana Santa» (Catecismo da Igreja Católica, nº 560)